

Porque ou por que?

Catarina Santos(*)

kate_katherine@hotmail.com

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Centro de Linguística da Universidade do Porto
(Portugal)*

RESUMO. Há uma certa hesitação por parte dos falantes do português, no acto da escrita, no que toca à distinção de *porque* e *por que*, bem como aos contextos em que devem ser aplicados. Neste texto mostro que *por que* é a expressão a usar em orações relativas e em interrogativas independentes e subordinadas, porque está associado a um argumento ou a um adjunto sem valor causal. *Porque* deve ocorrer em orações subordinadas causais e em interrogativas sempre que esteja associado a um complemento oblíquo ou a uma oração com sentido causal.

PALAVRAS-CHAVE. *Porque; Que*, Conjunção subordinada causal, Interrogativas parciais independentes e subordinadas

ABSTRACT. When they write, Portuguese speakers often hesitate about the distinction of *porque* [‘because’] and *por que* [‘the reason why’], as well as about the contexts in which they must be applied. In this paper I show that *por que* is the expression to use in relative and independent interrogative clauses, because it is related to an argument or an adjunct with no causal value. *Porque* should occur in subordinate causal and interrogative clauses whenever it is related to an oblique complement or to a causal-like clause.

KEY-WORDS. Relative clauses, interrogative clauses

1 – Objectivo

Este trabalho tem como objectivo reflectir sobre a problemática relacionada com a distinção entre *porque* e *por que*, através de uma análise sintáctica em que são comparados os diferentes usos que as duas expressões podem ter; mostrar-se-á que há uma relativa inconsciência gramatical por parte de grande número dos falantes em relação às duas formas, levando-os, frequentemente, a reconhecer uma só forma.

O trabalho está organizado da seguinte forma: no ponto 2 é feita uma introdução ao tema a ser tratado, bem como uma apresentação de alguns erros na utilização de *porque* e *por que*; no ponto 3 é feita uma análise dos dados e uma descrição dos contextos a que cada uma das formas se aplica. Neste ponto, são apresentados diversos exemplos e algumas comparações, de forma a

* Estudante do Curso de Licenciatura em Ciências da Linguagem da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; bolsreira BII da FCT/CLUP (2008/2009).

deixar o mais claro possível esta distinção. Por fim, no ponto 4 apresenta-se um breve resumo do trabalho e algumas conclusões.

2 – Introdução

Devido à falta de consciência gramatical de uma grande parte dos falantes portugueses relativamente ao uso de *porque* e *por que*, é possível observar erros na escrita, mesmo em jornais de algum prestígio. Isto quer dizer que a hesitação abrange qualquer tipo de pessoa, independentemente do grau de escolaridade. Como será possível constatar mais adiante, em muitas situações não é evidente o uso de uma ou outra forma, sendo possíveis, em certos contextos, as duas utilizações. São apresentados, de seguida, alguns exemplos de erros retirados do *CetemPúblico* (1º milhão):

2.1 – Quando surge *porque* onde deveria surgir *por que*:

- (i) “Não ficámos chateados, mas essa foi uma das razões **porque** eu fui para Paris.”
- (ii) “Podemos é perguntar **porque** é que a Microsoft não está interessada em interfaces.”
- (iii) “Mas Walter Fiers e os seus colegas da Universidade de Gand (Bélgica), que juntamente com cientistas da empresa farmacêutica suíça Roche publicaram há dias os seus resultados na revista «Nature», acabam de descobrir **porque** razão isso acontece.”
- (iv) “Quando a advogada lhe perguntar **porque** é que o carro dos portugueses não teria sido interceptado, Cardiell afirmou que pensava «estarem combinados com a polícia, tendo em conta a forma como as coisas se passaram»”.
- (v) “Os cidadãos gostariam de saber **porque** se deseja retirar aos deputados o direito que têm de aplicar a sua sapiência e poder na feitura de leis que a todo o povo e ao país dizem respeito.”
- (vi) “Percebe-se, portanto, **porque** é que Cadilhe põe um cuidado especial no que se refere a eleger como primeiro objectivo da política económica o combate à inflação.”

2.2 – Quando surge *por que* em vez de *porque*:

- (vii) “A razão *por que* esta batalha tem que ser ganha – e **por que** a «fatwa» e as ameaças que a acompanham devem ser anuladas – é que a vitória seria simultaneamente real (o que seria muito bom para mim) e simbólica, pois constituiria um forte revés para essa guerra mais vasta.”
- (viii) “O primeiro chefe de Estado, Sukarno, que em 1945 conseguira que a Holanda aceitasse a ideia de a Indonésia se tornar independente, ainda ficou então formalmente no lugar, pouco mais de um ano, mas já como mera figura protocolar, sob o pretexto de que não podia realmente

governar **por que** estava a abrir as portas aos comunistas, muito em particular aos aliados de Pequim .”

(ix) “Estou muito satisfeito **por que** as circunstâncias nos permitiram realizar esse desejo, declarou Peter Sauber.”

(x) “A questão surge como grave para os dirigentes sindicais **por que** a inspeção de educação tem um papel preventivo, profilático e só a título excepcional terapêutico .

(xi) “Sabemos que o partido no poder não está interessado em que elas tenham lugar, **por que** governa não só ao nível central mas também ao das províncias e distritos.”

(xii) “É evidente que isto não é porque Portugal tenha uma política científica desenvolvida e eficaz, mas **por que** praticamente não há cientistas em Portugal.”

3 – Análise dos dados e descrição dos contextos de uso de *por que* e *porque*

Nesta parte do trabalho vamos analisar as condições em que devem ser usadas cada uma das expressões, mostrando que, embora haja casos claros de uso de uma e de outra forma, existem outros em que é difícil determinar as condições do seu emprego.

3.1 - Começamos pelas condições em que deve ser usado *por que*

Sendo *que* um pronome relativo ou um pronome interrogativo, este pode ser precedido pela preposição *por*. Nesse caso, é possível substituir *por que* por *por qual razão/motivo*, *por qual*, *pelo(a) qual* e respectivos plurais.

No caso das orações relativas, a sequência *por que* surge a seguir a um antecedente e pode corresponder a um argumento do verbo (xiiiia)) ou a um não argumento (xiiib) que forçosamente se refere a uma causa, motivo, razão (Peres & Móia 1995: 341).

(xiii)

(xiiiia). O momento *por que* esperava acabou por acontecer.

(xiiib). Desconhecemos o motivo *por que* a Maria não quis ficar.

Em (xiii**b**), o pronome relativo *que* tem como antecedente o nome *motivo*, como poderia ter *razão*, e somente este tipo de nomes pode ocorrer numa frase em que o constituinte relativo *por que* está associado a uma causa (Peres & Mória 1995: 341). Note-se que o pronome relativo é perfeitamente substituível por outro pronome *o qual*, como mencionado anteriormente e, desta forma, a frase não é alterada no seu sentido:

c) - Desconhecemos o motivo *pelo qual* a Maria não quis ficar.

Os casos em que o *que* é pronome interrogativo serão tratados adiante por envolverem uma maior complexidade.

3.2 – Condições em que deve ser usado porque

Porque pode corresponder a uma conjunção subordinativa com valor causal, ou seja, ocorre em orações subordinadas causais, ou pode corresponder a um advérbio interrogativo que ocorre em orações interrogativas directas ou indirectas e pode ter valor causal ou final.

Iniciando uma oração subordinada causal, a conjunção subordinativa *porque* tem como função ligar duas orações e estabelecer uma relação de causalidade entre ambas, como acontece no exemplo (xiva). Quanto à estrutura morfológica desta conjunção, ela parece ter resultado da justaposição da preposição *por* com a conjunção integrante *que*, típica das orações subordinadas finitas, facto que pode ser comprovado através da comparação entre uma subordinada causal finita (xiva) e uma subordinada causal infinitiva (xivb) (Peres & Mória 1995:342).

(xiv)

(xiva) A Maria não quis ficar *porque* não se sente bem. (Or. Subordinada causal finita)

(xivb) A Maria não quis ficar *por* não se sentir bem. (Or. Subordinada causal infinitiva)

Se tivermos em atenção as orações subordinadas finais introduzidas pela preposição *para*, constatamos que admitem o mesmo tipo de variação livre entre oração finita (xva) e infinitiva (xivb). Assim, o elemento *que* precedido por *para* é o mesmo que precede *por* nas orações causais, no entanto, não houve neste caso um processo de formação de uma única unidade, como acontece com a conjunção subordinativa causal (Peres & Mória 1995:342).

(xv)

(xva) A Maria não ficou *para* que pudesse estar com os filhos.

(xivb) A Maria não ficou *para* poder estar com os filhos.

Importa recordar que a conjunção subordinativa causal *porque* não deve ser confundida com o constituinte interrogativo de valor causal presente nas orações interrogativas. Como referido acima, o elemento *que* da conjunção causal é o mesmo da conjunção integrante que introduz as subordinadas finitas, enquanto o *que* do constituinte interrogativo é um elemento pronominal.

3.3 – Porque/ Por que *interrogativo*

Vamos agora analisar o uso de *porque* e *por que* nas orações interrogativas independentes e subordinadas, onde, como vamos ver, dependendo das condições contextuais, é possível usar as duas expressões.

As orações interrogativas directas, ao contrário das relativas e das subordinadas causais, podem admitir tanto *porque* como *por que*. É necessário distinguir dois tipos de construções: a primeira é constituída por frases em que o constituinte interrogativo está associado a um

argumento (introduzido pela preposição *por*) sem valor causal (xvib) e o segundo caso é constituído por frases em que o constituinte interrogativo está associado a um complemento oblíquo com sentido causal (xviib) (Peres & Mória 1995:343).

Comparem-se as seguintes frases:

(xvi)

(xvia) *Por que* livros substituiu a Maria o que lhe dei?

(xvib) *Por que* substituiu a Maria o que lhe dei? (sentido: por que coisas)

(xvii)

(xviiia) *Por que* razão a Maria substituiu o que lhe dei?

(xviib) *Porque* substituiu a Maria o que lhe dei? (sentido: qual a razão/ causa)

Nas primeiras frases (xvia e xvib), *por* e *que* devem manter-se separados uma vez que *por que livros* é um argumento do verbo, sendo *por* uma preposição associada a um argumento do verbo (*substituir por*) e *que livros* é a parte nominal desse argumento (Peres & Mória 1995:343).

Nas frases (xviiia) e (xviib), temos de novo o verbo *substituir* como verbo da oração matriz da frase interrogativa. Neste caso podem dar-se duas situações: ou se interroga a causa de um dado evento e, nesse caso, a língua portuguesa dispõe do advérbio interrogativo *porque*, ou se interroga a razão, o motivo e, nesse caso, deve empregar-se *por que razão/ motivo*. Estão presentes os constituintes interrogativos com valor causal *porque* e *por que razão* que, neste último caso (xviiia), estão separados por estar expresso um nome (*razão*) (Peres & Mória 1995: 343). Em (xviib), o constituinte interrogativo com valor causal não contém um nome expresso, o que torna mais difícil definir a regra para este tipo de construção. A verdade é que a expressão *que* é, também, um elemento pronominal estando o nome expresso ou não; mesmo não estando expresso, tal nome está implícito na mente do falante. Assim, o *que* da frase (xviib), que está associado a um complemento oblíquo com sentido causal, é o mesmo *que* associado a uma posição argumental das frases (xvia) e (xvib), ou o mesmo *que* de valor final, com posição não argumental, que está presente na seguinte frase (Peres & Mória 1995: 344):

(xviii) Para *que* disseste isso?

Isto prova que o facto de *porque* permanecer justaposto na frase (xviii) é pura convenção, já que não há verdadeiramente um argumento que justifique esse caso. Assim, e partindo do princípio de que na frase (xviii) é possível aceitar que o constituinte interrogativo *porque* possa estar separado, pelas razões referidas, a frase (xix) tem, então, duas possíveis interpretações: ou se pretende questionar no sentido de *por que coisas* a Maria substituiu o que lhe dei ou então no sentido de *por que razão*.

(xix) *Por que* substituiu a Maria o que lhe dei?

Penso, contudo, que existem algumas diferenças no elemento *que*, consoante o sentido atribuído à frase. Quando o sentido pretendido é o de *por que coisas* verifica-se que na frase há uma elipse nominal (*coisas*), o que acentua o valor de pronome de *que*, comparativamente ao segundo caso, em que *que* parece ter, de alguma forma, gramaticalizado *razão*, não tendo, por isso, um valor de pronome tão forte como no primeiro caso (veja-se (xx), que repete (xix) com a análise sugerida). Isto seria válido também para as interrogativas indirectas como será possível constatar adiante.

(xx) Por que [-] substituiu a Maria o que lhe dei [-] = (*coisas*).

No caso das interrogativas indirectas, há testes que permitem constatar que só é possível a utilização de *por que* e não *porque* neste contexto. Como referido anteriormente, *que* é um elemento

pronominal, o que significa que não é relevante que o nome que pronominaliza esteja expresso para que haja a separação do constituinte *por* do pronome *que*:

(xxi)

(xxia) Não sei *por que* substituiu a Maria o que lhe dei.

(xxib) Não sei *por que razão* a Maria substituiu o que lhe dei.

Assim, contrariamente às orações subordinadas causais e relativas, verifica-se que as interrogativas indirectas podem ser focalizadas através de clivagem com *é que* e podem exibir alteração da ordem de palavras. Vejamos:

(xxii) Teste de focalização e alteração da ordem de palavras.

a) Pergunto o que é que fez a Maria/ Pergunto o que é que a Maria fez. (interrogativa indirecta)

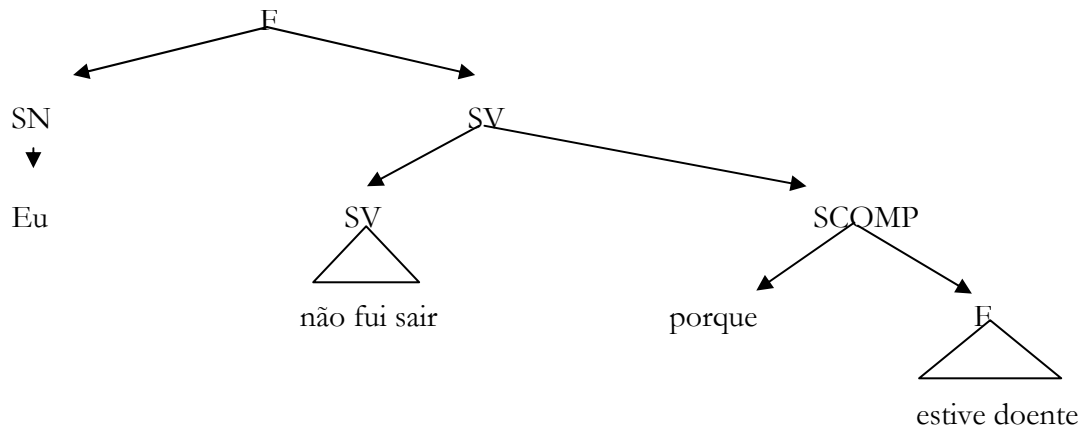
b) Ele chegou tarde porque a mãe estava doente / ?? Ele chegou tarde porque estava doente a mãe. (subordinada causal)

c) * Ele chegou tarde porque é que a mãe estava doente.

d) * Eu disse o que é que tu pretendias. (relativa)

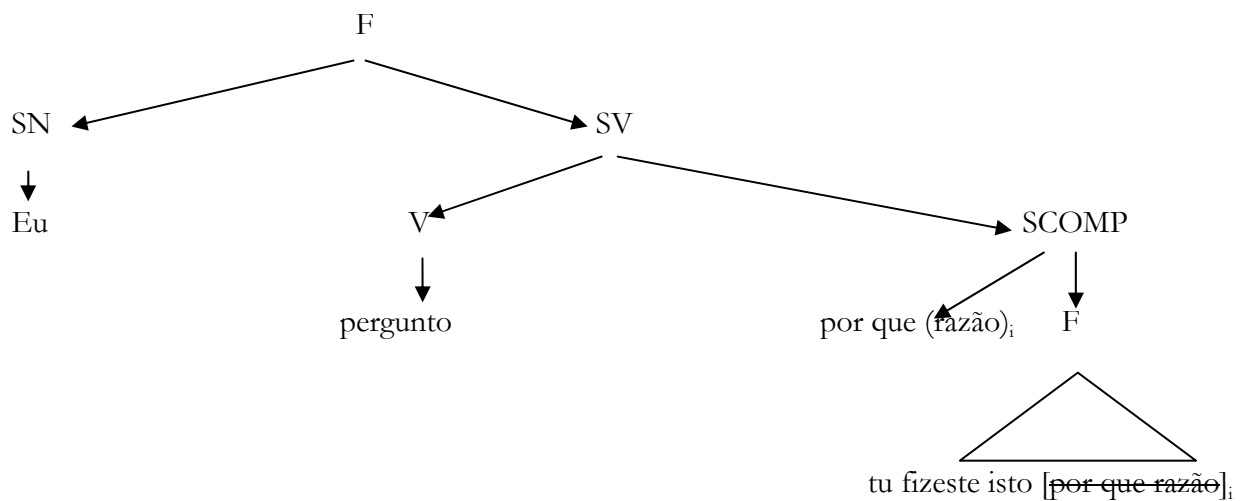
Relativamente à estrutura das subordinadas interrogativas comparativamente à das subordinadas causais, é possível verificar que a conjunção causal *porque* não se move e, portanto, não deixa nenhuma posição vazia no SCOMP, ocupando, sim, a posição inicial. Observe-se a estrutura simplificada da frase 23:

(xxiii) Eu não fui sair porque estive doente



Contrariamente às subordinadas causais, no caso das interrogativas há um movimento do constituinte interrogativo *por que* ou somente *que* para a posição inicial no Scomp, deixando uma posição vazia na posição básica correspondente. Veja-se a estrutura simplificada da frase (xxiv):

(xxiv) Eu pergunto *por que* (razão) tu fizeste isto.



4 – Conclusão

Ao longo desta exposição pudemos, numa primeira fase, observar algumas confusões quanto ao emprego de *porque* e *por que* num corpus jornalístico. Tendo como objectivo esclarecer e justificar algumas dessas confusões, foi apresentada uma descrição dos contextos de uso destas duas formas juntamente com exemplos, comparações e testes sintácticos a fim de comprovar cada uma das hipóteses.

Inicialmente, é exposto o contexto de *por que* em orações subordinadas relativas em que *que* é um pronome relativo que pode corresponder a um argumento do verbo ou a um não argumento e, neste caso, somente nomes do tipo *motivo* e *razão* é que podem ocorrer como antecedente do pronome relativo.

Seguidamente, foi apresentado o contexto do uso de *porque*. O seu uso é frequente em orações subordinadas causais, podendo corresponder, também, a um advérbio interrogativo no caso das orações interrogativas. É importante ter em atenção que, no caso de se tratar uma conjunção causal, o elemento *que* é equivalente ao das subordinadas finais introduzidas pela proposição *para* apesar de, neste caso, não haver formação de uma unidade só. Por isto, não deve ser confundido com o advérbio interrogativo *porque*, pois trata-se, aqui, de um *que* pronominal.

Numa última fase, foi analisado o uso de *porque* e *por que* nas orações interrogativas. A análise destas orações foi apresentada no final, pelo facto de envolverem uma maior complexidade quanto ao emprego destas duas formas, na medida em que é aceitável, no caso das interrogativas directas, o uso de ambas. Já no caso das interrogativas indirectas só é aceitável o uso de *por que* e, nesta secção, foi apresentado um conjunto de testes que mostram a diferença entre estas orações e as subordinadas relativas e causais. Por fim, foram propostas as estruturas

sintáticas para uma frase subordinada causal e uma frase subordinada interrogativa mostrando, assim, a notória diferença entre ambas.

Conclui-se, então, que muitas vezes, por questões de convenção, mantém-se *porque* justaposto em interrogativas quando, no fundo, não há razão que o justifique, a não ser no caso de orações causais em que *porque* é uma conjunção subordinativa causal. *Por que* é usado num contexto de orações subordinadas relativas e em interrogativas.

REFERÊNCIA

Móia, T.; Peres, J. A. 1995. *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.